Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade
Igarapé ISSN 2238-7587

CC BY

A História do Ventríloquo de Pauline Melville e a proximidade sociocultural com *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* de Mario de Andrade

The Ventriloquist's Tale *by Pauline Melville and Sociocultural Proximity with* Macunaíma: The Hero Without Any Character *of Mario De Andrade*

Paolo Rossi Amador Nobre[1]

Moema de Souza Esmeraldo[2]

Resumo: O presente trabalho tem como mola propulsora o estudo da obra *A história do ventríloquo* de Pauline Melville (*The Ventriloquist's Tale*) e a proximidade sociocultural com a obra de Mario de Andrade *Macunaíma: O herói sem nenhum caráter*. Diante do exposto, a intenção será verificar fenômenos que se estabelecem entre culturas diferentes a partir das semelhanças entre os personagens de Mário de Andrade que aparece na obra de Melville, escritora britânica-guianense. Propõe-se um estudo sobre a Pauline Melville que visa refletir a preocupação da autora de relacionar a cultura e a literatura dos povos de países colonizados na América que tem a língua do colonizador e não pertencem aos países hegemônicos, e, consequentemente são sempre deixados de lado, à margem, por se encontrarem ainda em processo de desenvolvimento econômico e social. Nesse contexto, Pauline Melville recria seu próprio Macunaíma a partir de suas vivências, um personagem indígena, "pele vermelha" (Melville, 1999), de cabelos pretos e pele cor de bronze. Descreve suas aventuras pelo mundo, natural e sobrenatural, seus contos, palavrões e mentiras são um retrato das consequências e ramificações de ambas as obras, conforme afirma explicitamente no prólogo do livro proposto para análise.

Palavras-chave: Cultura; Guiana Inglesa; Literatura; Personagem.

Abstract: The driving force of this work is the study of the work *The Ventriloquist's Tale* by Pauline Melville and the sociocultural proximity to the work of Mario de Andrade *Macunaíma: The hero without any character*. Given the above, the intention will verify specificities that are established between different cultures based on the similarities between Mário de Andrade's characters who appear in the work of Melville, a British-Guyanese writer. A study on Pauline Melville is proposed, which aims to reflect the author's concern to relate the culture and literature of the people of colonized countries in America who have the language of the colonizer and do not belong to the hegemonic countries, and, consequently, are always left out of side, on the margins, as they are still in the process of economic and social development. In this context, Pauline Melville recreates her own

[1] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR). E-mail: paolo.nobre37@gmail.com

[2] Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR). E-mail: moema.esmeraldo@ufrr.br

Macunaíma based on her experiences, an indigenous character, “red skin” (Melville, 1999), with black hair and bronze skin. It describes his adventures around the world, natural and supernatural, his stories, swear words and lies are a portrait of the consequences and ramifications of both works, as explicitly stated in the prologue of the book proposed for analysis.

Keywords: Culture; British Guiana; Literature; Character.

Considerações iniciais

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre a obra *A história do ventríloquo*, de Pauline Melville (*The Ventriloquist’s Tale*), e a proximidade sociocultural com a obra de Mário de Andrade *Macunaíma: O herói sem nenhum caráter*. A escolha dessa obra literária para análise justifica-se porque a cultura e a literatura dos povos que tem a língua inglesa como língua oficial e que não pertencem aos países hegemônicos como a Inglaterra e os Estados Unidos são sempre deixados de lado, à margem, por se encontrarem ainda em processo de desenvolvimento econômico e social.

Diante dessa problemática propõe-se um estudo sobre a escritora Britânico-Guianense Pauline Melville que visa refletir a preocupação da autora com a função de ressignificar a figura emblemática da personagem Macunaíma em sua narrativa, pois abordam temáticas comuns às realidades da Guiana e do Brasil, sobretudo, por expor histórias dos povos originários da grande bacia amazônica. Assim sendo, Pauline Melville recria seu próprio Macunaíma a partir de suas vivências, transformando-o em um personagem indígena, “pele vermelha” de cabelos pretos e pele cor de bronze. Descrevendo suas aventuras pelo mundo, natural e sobrenatural, seus contos, palavrões e mentiras são redefinidos pela autora por meio de uma sequência narrativa e como consequências das ramificações entre ambas as obras.

Essa temática de proximidade sociocultural entre as personagens já foi constada por estudiosos como Leoné Barzotto (2011, p.88):

> As obras de Pauline Melville e Mário de Andrade pertencem ao período pós-colonial da Guiana e do Brasil, respectivamente. Contudo, embora sejam escritas na língua do colonizador de outrora, o inglês e o português, as mesmas não pertencem ao que se denomina ‘colagem’ ou ‘produto neocolonial’. Ao contrário, pertencem ao grupo de escritas pós-coloniais que criticam e questionam a validade do comportamento colonial mesmo após a independência e, assim, formam uma colcha de retalhos de ideias, posicionamentos, etnias, culturas, crenças, lendas, tradições.

O título original do livro de Melville, que é uma escritora que se destaca na literatura produzida na Guiana Inglesa, chama-se “The ventriloquist’s tale”. Em suma, este livro foi publicado em 1997 e traduzido para o português em 1999 e vem sendo considerado um romance inglês no século XX. A história é ambientada na Guiana Inglesa no ano de 1987. Trata-se, em resumo, da história de Chofy Mckinnon, um nativo mestiço, que se apaixona por Rosa Mendelson, uma pesquisadora inglesa que estava em Georgetown para desenvolver trabalhos sobre o escritor Evelyn Waugh quando esteve naquele território, na época em que a região era uma colônia britânica.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho será fazer uma análise da obra apresentada de Melville a partir das análises às referências à obra Macunaíma, do escritor brasileiro Mário de Andrade, sejam tanto explícitas quanto intrinsecamente. Afirma Leoné Barzzotto (2011, p.87) sobre essa relação intrínseca de personagens, que:

> na obra de Pauline Melville, por exemplo, o mito de Macunaíma não é local, mas sim transnacional e interamericano porque cruza as fronteiras da Guiana. Contudo, seu narrador, inspirado em tal mito, assemelha-se em muito ao protagonista de Mário de Andrade e ao próprio mito ao ser descrito como mestre da camuflagem e do equívoco, sendo não confiável.

Portanto, propõe-se uma leitura que visa à proximidade cultural entre as obras em estudo, ratificada por Barzotto (2011). E, desse modo, visamos dialogar sobre esse conceito que a autora vai relacionar como hibridismo ou amalgama cultural que evidencia o resgate da identidade cultural. Isto posto, pensando o conceito de transculturação a partir da leitura feita pelos Estudos Culturais.

Proximidades e diferenças: narrativas e personagens

Desde a epígrafe do livro “The ventriloquist’s tale” podemos observar referências diretas de outras obras, sejam filosóficas, antropológicas ou literárias. A autora faz questão de evidenciar citações de épocas e pensamentos diferentes. A primeira citação está associada ao antropólogo, professor, filósofo e sociólogo francês Claude Lévi-Strauss, considerado o fundador da antropologia estruturalista, e retoma o mito que serpenteia todo o continente americano até o estreito de Bering. Tal mito beira-se pela Amazônia e pela Guiana e se

conecta em uma frequência direta conforme Strauss “entre elipse e incesto” (Melville, 1999, p.6).

Seguindo o mesmo pensamento a cita de Julian Barnes, escritor inglês e ganhador do prêmio Man Booker em 2011, pelo seu livro *The sense of an Ending* (*O sentido do fim*), e por fim, surge o provérbio português do século XV em que sintetiza o pensamento com a seguinte frase “Tudo é permitido ao sul do Equador”, gerando assim uma atmosfera misteriosa desenvolvida ao longo da trama.

Já no prólogo da obra de Melville encontramos a justificativa e intenção de apresentar ao leitor uma narrativa ocorrida no território da Guiana Inglesa, o que também é de suma importância para a análise da obra. Ao mesmo tempo, em que também deixa claro a relação com a obra de Mário de Andrade, observamos que seria justamente no prólogo, que a autora cita diretamente, pela primeira vez o escritor, poeta, contista, cronista, musicólogo, historiador de arte, crítico e fotógrafo brasileiro Mario de Andrade. A intenção da autora seria fazer uma crítica à forma com que ele (Mário de Andrade) “despachou” o personagem “Macunaíma” para o céu, e, segundo ela, “de forma descuidada, a toque de caixa”. Deixando claro que o personagem deveria ter continuidade. Essa relação entre os dois autores é reforçada no decorrer da narrativa.

É também no prólogo que conhecemos o narrador, uma criatura turbulenta, irreprimível, adorável, de cabelos pretos, pele cor de bronze, chamado de chico, “o que trabalha no escuro” (Melville, 1999, p.9). Chico não é o herói do romance, como ele explica, vai dizer que; “os heróis e heroínas de hoje são escravos do tempo” (Melville, 1999, p.10) e que os leitores escolhem os seus heróis com descaso sem levar em consideração sua linhagem, em que nesse quesito a dele é impecável, ele também vai explicar:

> Que ele pode ouvir qualquer história e retransmiti-la sem nenhuma anotação, que o mesmo descende de um grupo de pedras do equador e que tem uma memória fantástica, e que o ato de escrever as coisas fez com que as pessoas esquecessem de tudo”. (Melville, 1999, p.10).

Tal criatura chega à seguinte conclusão: “Nós, nessa parte do mundo, temos uma veneração toda especial pela mentira, suas consequências e ramificações” (Melville, 1999, p. 10), descreve entre outras coisas sua avó e os cuidados da mesma, bem como a forma que ele aprendeu a geografia da região amazônica, sua avó o carregava no colo, ele descreve que

tinha que ser carregado, pois, se recusava a andar até os seis anos de idade, e até esta idade também não falava e quando falava dizia "Ai!, que saco essa vida!" (Melville, 1999, p.11).

A obra é dividida em três partes, na primeira parte do livro podemos nos deparar com os seguintes tópicos: O menino do peixe – banana, uma cidade feita de espaço, eu cortei o cabelo de Evelyn Waugh, onde as rãs se encontram para acasalar, sob as águas do telhado e beija-flor chupando mel. A primeira parte do livro, tal criatura, chega à seguinte conclusão: "Nós, nessa parte do mundo, temos uma veneração toda especial pela mentira, suas consequências e ramificações" (Melville, 1999, p. 10), descreve entre outras coisas sua avó e os cuidados da mesma, bem como a forma que ele aprendeu a geografia da região amazônica.

Na segunda parte do livro encontramos: Waronawa, olho azul significa ignorância, uma lufada de calor, o grilo gigante, caça ao veado, a longa espera, dias de convento, o evangelizador, um caso, pedra-ímã, o pai dos peixes, a cara suja da lua, o rio dos mortos, eclipse na savana, a grande queda, silencio, o casamento, Kanaima, fogo com fogo, asilo, campo de estrelas, o caixão de gelo e singularidade.

Através do último capítulo, podemos nos deparar com os títulos: *Um Tapir por esposa, tempestade, macacos fazendo café, jantar no alto comissariado, o amor saiu pescar e o albergue ameríndio* finalizando assim um ciclo de contos que giram entorno de questões de identidade, colonialismo, e cultura por meio da história de um ventríloquo caribenho que dentre inúmeras viagens chega até a Inglaterra.

A história do Ventríloquo é antes de tudo uma jornada literária que nos conduz por uma trama envolvente e multifacetada ao longo do texto. A autora cria um mundo onde somos confrontados com questões de identidade, poder, colonialismo, alienação, magia e representação. O romance é escrito por Pauline Melville, uma renomada autora britânica de origem guianense, filha de uma britânica com um Guianense. A obra foi publicada em 1997, e venceu o prêmio Whitbread First Novel Award em 1998. O livro é uma coletânea de contos que combina realismo fantástico, folclore, histórias, lendas e críticas sociais, criando um universo rico e diversificado a partir da relação entre diferentes culturas. Os contos abordam questões complexas relacionadas à herança cultural, ao legado da escravidão e à luta por identidade em um mundo pós-colonial.

A obra faz parte do período pós-colonial da Guiana, conforme descrito por Barzotto (2012, p.83): "pertence ao grupo de escrita pós-colonial que critica e questiona a validade do

comportamento colonial mesmo após a independência e, assim, forma uma colcha de retalhos de ideias, posicionamentos, etnias, culturas, crenças, lendas, tradições."

A escrita de Melville é marcada por uma linguagem poética, que transporta o leitor para os cenários exóticos e misteriosos do Caribe. Conforme Félix (2003, p. 70):

> Além de fazer parte da Commonwealth, a Guiana também é membro da CARICOM, uma espécie de mercado comum e comunidade do Caribe formado por Antigua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Jamaica, Montserrat, Santa Lúcia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Grandinas, Trinidad e Tobago, Haiti e o Suriname.

A rica herança cultural do Caribe e a influência do folclore local são elementos essenciais na construção do mundo fictício de Melville. O uso de mitos, lendas e tradições folclóricas enriquece a narrativa e acrescenta profundidade aos personagens e enredos. Mediante personagens e enredos intricados, a autora convida o leitor a refletir sobre a natureza da realidade, da ilusão e da própria condição humana. A história do ventríloquo é uma obra que desafia convenções literárias, revelando camadas de significado e simbolismo que ressoam muito além das páginas do livro, uma leitura que encanta e provoca, deixando uma marca naqueles que se aventuram em seu universo enigmático e fascinante.

Um dos principais temas do romance é a identidade, temática explorada através da luta de vários personagens com suas identidades raciais e culturais. As linhas entre o real e o imaginário se misturam, conforme os personagens exploram suas conexões com o passado e o presente da Guiana. Segundo Barzotto (2012, p.85) "Uma obra literária pós-colonial se converte em uma miríade de contextos híbridos e de cruzamentos culturais cuja negação ao sincretismo e a miscigenação se torna algo fadado à impossibilidade face à realidade multicultural da contemporaneidade e dos espaços plurais que a compõem".

A história principal gira em torno de um personagem chamado Chofy Mckinnon que viaja para Georgetown para trabalhar, levando consigo sua tia Wilfreda. A narrativa se desdobra em torno das interações e relações complexas entre Chofy, sua tia Wilfreda, Marietta sua esposa e Bla Bla seu filho, explorando temas de identidade, comunicação e mistério. Segundo Bonnici (2001, p.9), "O romance consiste em um Prólogo e um epílogo, nos quais o brincalhão Macunaíma se intitula narrador da história de McKinnon, e de três partes intermediárias. O romance começa no sertão da atual Guiana, onde Chofy McKinnon, de ascendência ameríndia e escocesa, é um pequeno agricultor e pastor de gado da aldeia de Moco-Moco, no sopé das montanhas Kanaku".

Ao longo da história, Chofy utiliza suas habilidades de ventriloquia de forma única e surrealista, criando um mundo fictício e intrigante. Sua ligação com Marietta, a mãe de Bla Bla, desempenha um papel crucial na trama, revelando segredos e conflitos familiares. A presença enigmática de Bla Bla adiciona uma camada de mistério à narrativa, enquanto sua relação com Chofy e Marietta se desenvolve de maneiras complexas.

Em meio a essa teia de relacionamentos e mistérios, Melville cativa os leitores com sua narrativa envolvente, seus personagens multifacetados e suas reviravoltas inesperadas. A exploração de temas profundos e a construção de um universo fictício rico e intrigante tornam a obra um reflexo profundo da complexidade humana e da busca pela verdade e identidade.

A história do ventríloquo de Pauline Melville aborda uma variedade de temas profundos e complexos explorados através dos personagens, alguns dos temas principais da obra incluem a identidade, que é um tema central na obra, representado principalmente através do protagonista, Chofy, que usa suas habilidades ventriloquia em diversas regiões e países, incluindo Georgetown, Guiana, onde a história de fato tem início.

> Georgetown era uma cidade construída quase quer só de madeira -, as casas eram como grandes escunas, veleiros, brigues, baleeiras miúdas, barcos estropiados, jangadas e chalupas. Era como se todas as casas de Georgetown, dos maiores palacetes aos menores barracos, tivessem um dia, no processo da evolução, pertencido a uma flotilha de embarcações marítimas que o oceano atirara à praia. Era uma armada transformada em cidade, uma frota de madeira em terra.” (Melville,1999, p. 63)

Ao longo da narrativa, Chofy viaja para outros lugares, como Trinidad e Tobago, explorando novos ambientes e encontros que influenciam sua jornada. Esse posicionamento é ratificado no trecho a seguir:

> Através da mundanizarão dos ameríndios que vivem nas profundezas das savanas e sertões da Guiana, o seu texto mostra que existe uma grande autonomia na sua cultura, mitologia e costumes organizacionais, embora os danos à sua subjetivação possam estar a invadir furtivamente a sua herança (Bonnici, 2001, p. 8, tradução nossa).

A busca de identidade é um tema central na obra, com os personagens enfrentando desafios para descobrir quem são e qual é o seu lugar no mundo. Chofy, em particular, enfrenta questões profundas sobre sua própria identidade e suas origens, refletindo sobre sua função como ventríloquo e as máscaras que ele usa para se comunicar com o mundo.

A comunicação é um tema recorrente, enfatizando a importância da conexão e entendimento entre os indivíduos. A ventriloquia de Chofy serve como uma metáfora para as complexidades da comunicação humana, destacando as camadas de significado por trás das palavras e ações dos personagens. O colonialismo e o pós-colonialismo são tratados nos contos de Melville de forma clara em relação aos colonizadores e colonizados, a exploração cultural e as marcas deixadas pelo imperialismo são exploradas de forma profunda e impactante. Como observado por Bonnici (2001, p. 9):

> O romance, no entanto, traz à tona o pesadelo do colonialismo europeu e suas consequências no século XX, vividas pela família McKinnon no interior de Rupununi, na Guiana. Fervendo com a mitologia ameríndia Wapichana em contato com a cultura europeia. [...] (tradução nossa)

Assim sendo, Melville (1999, p.54-55) questiona sobre a história dos ameríndios e o processo de exploração do meio ambiente e de recursos naturais como consequência da colonização e os vestígios na história desses territórios colonizados:

> Nós os índios, somos uns idiotas, sabia? Fomos colonizados duas vezes. Primeiro pelos europeus e depois pelo pessoal do litoral. não sei o que é pior. Grandes companhias aparecem por aqui para explorar minério ou derrubar madeira. Pesquisadores vêm e se enfiam no meio das nossas comunidades, estudando a gente e arrancando nosso conhecimento para benefício deles. As ongs chegam e interferem na nossa vida. Os turistas ficam olhando embasbacados. E os políticos montam um cerco em volta, na época de eleição"

Esse questionamento sobre a importância da literatura para desmitificação da colonização europeia é ratificado em Barzotto (2011, p.24):

> Durante a fase colonial, a literatura desempenha, inicialmente, um papel fundamental para a disseminação do poderio hegemônico europeu sobre as colônias a ele subjugadas porque propaga a concepção de superioridade do europeu e de submissão do indivíduo nativo, da inutilidade de rebelião e de subversão contra o master, da punição a qualquer transgressão e, explicitamente, porque forma o cânone literário sob os padrões impostos, desprezando a literatura local.

Portanto, não é à toa que mistério é um tema aparente na obra, a atmosfera misteriosa da narrativa contribui para um senso de suspense e intriga, mantendo os leitores envolvidos na busca por respostas e revelações de ordem de uma "história a contrapelo" nos termos de Walter Benjamin (1994).

Os segredos e mistérios que cercam os personagens, a partir de construções históricas, como Bla Bla e Marietta, adicionam uma dimensão de suspense à trama, mantendo os leitores cativados até o fim por envolver e não limitar a história e a ficção. Além do protagonista, aparecem personagens como Wilfreda, sua tia, que é uma figura materna e enigmática que acompanha Chofy em sua jornada para Georgetown, desempenhando um papel significativo em sua vida. A presença de sua tia e sua influência sobre Chofy adicionam uma camada de complexidade a obra, revelando segredos do passado e desencadeando eventos surpreendentes.

Dentre os personagens se destaca o papel de sua esposa Marietta, a mãe de Bla Bla, uma figura misteriosa que desempenha um papel crucial na trama, conectando os personagens de maneiras inesperadas. Sua relação com Chofy e seu filho geram eventos importantes na história, emergindo segredos escondidos ao longo da trama.

Na obra, encontramos a figura enigmática do filho de Chofy, Bla Bla, um personagem intrigante, cuja presença misteriosa adiciona um elemento de suspense a narrativa. Sua interação com seu pai e sua mãe revela segredos do passado e desencadeia reviravoltas na trama, contribuindo para a profundidade emocional e psicológica da história.

Os personagens citados configuram o que Homi K. BhaBha expõe como deslocamento cultural historicamente sofrido pelos povos marginalizados, e a "grande, embora desestabilizadora, vantagem dessa posição é que ela nos torna progressivamente conscientes da construção da cultura e da invenção da tradição" (Bhabha, 2013, p. 277).

Para tanto, a intenção deste estudo é de considerar a complexidade existente entre as fronteiras culturais de países ameríndios colonizados por europeus. O que caracteriza o que Nestor Garcia Canclini (2013) coloca como "hibridismo cultural": "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (Canclini, 2013, p. XIX).

Os percursos das personagens que pertencem a uma família ameríndia que vivencia os espaços da cidade, da savana e da floresta são descritos a partir de entrecruzamentos culturais que nestes territórios ocorrem. Portanto, podemos dizer que a obra de Melville é uma retomada a parábola da miscigenação, em que prevalece o hibridismo sociocultural, onde por meio de sua escrita e embora a autora seja branca, mas assume-se mestiça, híbrida, crioula.

Outra constatação desta análise revela que tanto Macunaíma de Pauline Melville quanto o de Mário de Andrade estavam diretamente preocupados em representar o território

brasileiro, em diferentes processos culturais, “mas inevitavelmente mergulham no coração da Amazônia ao despertarem como narrador e/ou protagonista nas obras dos autores supracitados” (Barzotto, 2011, p. 94).

Assim, cada personagem na obra contribui de forma única para a complexidade temática e emocional dos contos, adicionando camadas de significado e profundidade a narrativa. A interação entre esses personagens diversificados e os temas abordados, explora os limites da existência humana e as complexidades das relações.

Considerações Finais

A história do ventríloquo de Pauline Melville é uma obra que possui relevância social e cultural significativa por diversas razões, inclusive pelas suas referências a outras obras, como a obra literária *Macunaíma* de Mário de Andrade. Como fundamentação teórica desta investigação, encontramos no campo uma relação com a exploração conceitual da identidade pós-colonial, através das complexidades e desafios enfrentados por indivíduos e comunidades que lidam com as consequências do colonialismo. Ao explorar essas temáticas, a narrativa de Melville amplia as vozes e perspectivas que muitas vezes são marginalizados ou esquecidas.

A obra de Pauline Melville confronta de forma direta e indireta a história colonial e suas repercussões, injustiças passadas e presentes, ao trazer à tona essas questões à sociedade atual. A valorização da cultura caribenha também e um ponto a ser destacado na obra, pois valoriza a rica diversidade cultural do caribe em seus diálogos, incorporando elementos do folclore, da história e das tradições locais, além de destacar a autenticidade cultural caribenha muitas vezes marginalizados e/ou romantizados.

Melville utiliza-se de elementos reais e fantásticos em sua obra, criando e desconstruindo fronteiras culturais preestabelecidas. Conceitos prontos e acabados são levados a serem repensados. Assim, a história do ventríloquo de Pauline Melville, com suas tramas e personagens envolventes, também desempenha um papel crucial na ampliação literária, no cânone literário, ao fornecer uma visão única e inquietante sobre questões sociais, culturais e históricas.

Ao desafiar convenções e ampliar horizontes, a obra contribui para o melhor entendimento da diversidade, da inclusão e do diálogo intercultural. As proximidades e diferenças culturais configuram a construção das personagens e a narrativa torna-se ainda

mais intrigante e merecedora de análise justamente por apresentar referência a uma das obras mais importantes da literatura brasileira e um dos personagens mais emblemáticos que reconstrói o mito fundador da identidade nacional.

Referências

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Martin Claret, 2022.

BAINES, Stephen Grant. Os índios Makuxi e Wapichana e suas relações com os estados nacionais na fronteira Brasil-Guiana. **Revista Série Antropológica**, 338. Brasília: UnB, 2003.

BARZOTTO, Leoné Astride. **Interfaces Culturais**: The ventriloquist´s tale & Macunaíma. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política** - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L.L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BONNICI, Thomas. Transculturation in Pauline Melville´s The Ventriloquist´s Tale. **Mimesis**, Bauru, v. 22, n. 3, p. 07-21, 2001.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2013.

FÉLIX, José Teixeira. **Aspectos da literatura guianense**: por uma poética da aproximação internacional. In: Revista Textos & Debates, vol. 14(1), 2008, p.67-85

JOSEF, Bella. O lugar da América. *In*: JOBIM, José Luís [et. al.] (org.) **Sentidos dos Lugares**. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005, p. 114-129.

MELVILLE, Pauline. **A história do ventríloquo**. Trad. Beth Vieira. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.